

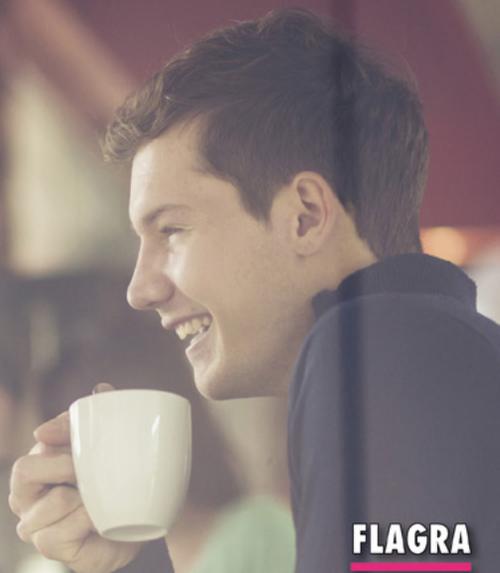
ESCÂNDALO!!!

www.tammyluciano.com.br

"A VIDA É GRANDE
DEMAIS PARA
CABER NA CAPA DE
UMA REVISTA."

CHRIS MELO

valentina 



FLAGRA

O AFFAIR DE BELINDA BIC E GUSTAVO SALLES

A nova diva das novelas e o apresentador
galã se encontraram secretamente



CELEBRANDO MAIS UM SUCESSO

TAMMY LUCIANO

DE BEM COM A VIDA E APAIXONADA
POR HISTÓRIAS DE AMOR



ESCÂNDALO!!!



ESCÂNDALO!!!

TAMMY LUCIANO


valentina
Rio de Janeiro, 2015
1ª Edição

Copyright © 2015 by Tammy Luciano

CAPA
Marcela Nogueira

FOTO DE CAPA
Millann / Getty Images

FOTO DE 4ª CAPA
Konstantin Yuganov / Dollar Photo Club

FOTO DA AUTORA
Simone Mascarenhas

DIAGRAMAÇÃO
editorfarte

Impresso no Brasil
Printed in Brazil
2015

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L971e

Luciano, Tammy

Escândalo!!! / Tammy Luciano. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Valentina, 2015.
320p.; 23 cm.

ISBN 978-85-65859-74-5

1. Romance brasileiro. I. Título.

15-24842

CDD: 86993
CDU: 821.134.3(81)-3

Todos os livros da Editora Valentina estão em conformidade com
o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA VALENTINA
Rua Santa Clara 50/1107 – Copacabana
Rio de Janeiro – 22041-012
Tel/Fax: (21) 3208-8777
www.editoravalentina.com.br

Para Santiago Junior, o verdadeiro Gustavo Salles.

PARTE I

– *Antes* –

Para entender o depois.

“Se alguém soubesse o que tenho dentro do meu coração,
não me deixaria escapar nunca mais.”

Belinda

UM



Do rio para o Rio!

Era uma vez uma garota... Hum... Melhor eu preparar você antes de começar a contar a minha história. Nem eu estava pronta para tudo que viria. Fui surpreendida por sentimentos que revolucionaram os meus dias, então avise o seu coração porque estou chegando...

Mergulhei fundo no rio Paraguai. Meu aquário particular que não me causava medo, pelo contrário, me abraçava. Adorava colocar a mão no fundo escorregadio e sentir os cabelos batendo forte nas minhas costas. A água escura parecia me fazer esquecer todo o mundo lá fora. E vamos combinar, apesar de ser uma garota feliz, meu mundo exterior não tinha muitas alegrias, pelo menos até aquele instante. E eu não fazia a mínima ideia de como a vida seria generosa comigo no futuro. Sei que teria muita história para contar...

Voltei a mergulhar, acompanhando um peixe que não consegui identificar pela cor escura do rio. Ali onde eu estava, poderia ser um pintado ou uma piranha. Muitas costumam encostar no nosso corpo e não fazem mal caso



você não esteja com uma ferida aberta. Dois pescadores amigos do meu pai pararam sua canoa e a amarraram em um pequeno tronco que segurava outros barcos. Eu ainda tive tempo de olhar o sol, abrir os braços e me jogar novamente na água. Amava demais aquele lugar, e ter o pantanal inteiro como quintal me trazia muita paz interior.

Estava na hora de ir para casa, embora não quisesse, mas logo anoiteceria. Os dias ao lado do meu pai não andavam bons. Se é que em algum tempo tenham sido. Com meus 19 anos, estava sem estudar e não arrumava emprego. Fazia bico limpando as casas dos militares da base naval e meu pai falava todos os dias que daria um jeito na situação. Ele nunca foi dos mais gentis, suas palavras ácidas corroíam meu coração, e parecia que ninguém, em tempo algum, tinha ensinado a ele o que significava o tal do amor paterno. Minha mãe Mimizinha não estava mais entre nós e, talvez, tudo tivesse sido diferente se ela ainda pudesse estender a mão para cada um, como fazia, sendo um ser humano carinhoso, generoso e com um olhar adocicado por um mel celestial. Por isso, foi logo para o céu. Não fazia parte deste mundo.

No dia que ela morreu, estava caminhando quando senti um aperto no coração, uma fisgada funda, e senti em um toco de madeira na estradinha próxima à minha rua. Achei ter sido pelo cansaço depois de um dia inteiro lavando roupa para ganhar um trocado, resolvi deitar um pouco para mandar embora aquela sensação de mal-estar.

De longe, ao chegar, vi a casa humilde rodeada de moradores. Minha mãe tinha ido descansar depois do almoço, sentada no banco de madeira, localizado sob a árvore mais bonita, com folhas que unidas formavam uma redoma verde. Morreu sorrindo, os olhos meio abertos, um jeito de alguém que não deveria ter ido. Mas foi. Morreu a mulher que plantava manjerição para presentear os vizinhos. Tudo que tinha dividia com quem nem conhecia. Rainha de temperos, boa comida e diálogos leves e poéticos. Incapaz de levantar a voz, a mão ou o olhar para quem quer que fosse. Depois que partiu, ficamos um ano comendo as sobras dos vizinhos. Nem eu, nem meu irmão e muito menos meu pai sabíamos preparar qualquer comida que fosse.

Ficou em mim a imagem daquela força e sabedoria estendendo roupa e cantando Gil: “Drão!/ O amor da gente é como um grão/ Uma semente de ilusão/ Tem que morrer pra germinar/ Plantar nalgum lugar/ Ressuscitar no chão/ Nossa semeadura/ Quem poderá fazer aquele amor morrer/ Nossa



caminhadura/ Dura caminhada/ Pela noite escura.” Onde teria ido morar aquela voz que tanto me acalmava? Não me pergunte como aprendi a seguir sem o amor da mulher que me colocou no mundo e me protegeu até do que eu não sabia.

Eu gostava da minha vida até aquele dia. Depois, tudo pareceu dar errado, mesmo que no fim... Para piorar, dois anos depois da morte da minha mãe Mimizinha, quando eu coloquei os pés para fora daquele rio, algo estava predestinado a acontecer, e isso me levaria até onde estou hoje. Eu não estava preparada para tudo que viveria.

Em casa, uma voz familiar ecoava do lado de fora. Pude ver as pernas do meu pai, sentado na cadeira enferrujada. Antes que minha curiosidade aumentasse, ouvi sua fala:

– Ela está vendida. Vendi e pronto. Ela chegando, você leva.

Vendida? Você leva? Pensei em dar meia-volta, mas como não sabia do que se tratava, e minha inocência nessa época ainda me fazia acreditar em alguma bondade do meu pai, dei passos lentos e entrei na cozinha, também usada como sala. O lugar onde dormiam as panelas, depois da partida da minha mãe, virara um verdadeiro caos. Por mais que eu tentasse arrumar, os homens da casa faziam questão de bagunçar, e o cheiro eternamente ruim incomodava.

Minha tia, irmã da minha mãe, estava sentada bem próxima do meu pai:

– Belinda, quanto tempo – falou desanimada, e eu respondi com um oi desconfiado.

– Ô garota, arruma tuas coisas. Você vai com a tua tia para o Rio de Janeiro. – Meu pai, o rei da falta de paciência, indicava com os dedos trêmulos, demonstrando uma urgência urgentíssima, que eu caminhasse até o local onde ficavam minhas poucas roupas e preparasse minha trouxa.

– Mas eu não quero ir. – O Rio de Janeiro parecia no mínimo outro planeta. Minha tia inspirava menos segurança ainda. Entre nós não havia olhos nos olhos há tempos. Mantínhamos desde sempre um distanciamento profundo. Mesmo sendo minha tia, eu não gostava dela.

– Xiii, ela pode decidir as coisas, Joselino?

– Pode nada, essa garota não pode nada. Sem estudar, sem trabalhar, não coloca um dinheiro nesta casa e vive mergulhada naquele rio. Vai para o Rio de Janeiro. Dei minha palavra e está acertado.



Comecei a arrumar minhas tralhas em uma bolsa velha de tecido que tinha sido da minha mãe, sem pensar no que estava acontecendo. Apesar das dificuldades, eu gostava de morar em Ladário. Por que sair dali? Como seria o mundo lá longe? Rio de Janeiro? Quem disse que eu queria morar em lugar famoso?

– Belinda, eu te conheço, tá fazendo um monte de pergunta nessa tua cabeça oca. Teu mal é querer saber demais. Te arruma e vai logo.

– Mas eu não vou poder me despedir?

– De quem?

– Ué, do meu irmão, dos vizinhos.

– Eu aviso teu irmão que você se mandou. E os vizinhos, o que que interessa? Ninguém vai sentir tua falta.

Fechei a bolsa com as poucas roupas velhas que me pertenciam e uma lágrima ficou guardada dentro dela. Quanta tristeza. Eu e meu pai nunca tínhamos nos dado bem, mas como aceitar aquele descaso? Ali, entendi que não teria tempo de me despedir nem de mim mesma. Permaneceria naquela cidade um alguém que eu fui, mas, a partir daquele minuto, eu teria que ter força sobre algo misterioso contra mim e aprender a viver de outra maneira. Estranhamente, eu era maior de idade, poderia dizer não, porém de alguma forma, meu pai tinha um poder sobre mim e eu obedecia, mesmo com a sensação de estar caminhando de olhos vendados para o abismo.

Minha tia mal me olhou. Arrogância e uma maneira fria de falar a faziam claramente muito diferente da minha mãe e suas atitudes surpreendentes e carinhosas. Não tínhamos bens materiais, mas a dona da casa nunca nos desamparou emocionalmente. Meu pai cuidava dos jardins das casas dos militares. Ladário talvez só existisse por causa de uma Base Naval enorme com direito a navios, carros de gente importante e casas grandes com belos gramados. Minha mãe cansara de faxinar a residência dos militares e costurar a roupa de suas esposas. Quando morreu, uma senhora muito chique parou o carro próximo ao arame farpado da nossa casa, colocou flores na entrada e perguntou se precisávamos de algo. Era a esposa de um comandante. Precisamos de tudo, pensei em dizer, mas calei. Ela foi embora, dando um tchauzinho com as mãos. Até hoje me pergunto como fez aquele movimento tão charmoso com os dedos.

– Por favor, só queria me despedir da Cássia.

– Nós temos hora! – Minha tia Santana não parecia emocionada com a minha voz de profunda tristeza.



– Pai, por favor.

– Santana, vou deixar essa criatura ir lá se despedir da amiga grudenta. Depois, esse povo vai achar que dei um fim nela. Melhor alguém saber que ela está indo embora, já que nunca mais vão receber notícias. – *Nunca mais vão receber notícias?* Engoli em seco.

– Joselino, você que sabe.

– Melhor. Aqui tem muito militar, podem inventar que matei a garota.

Não parecia que estava falando da própria filha. Eu me senti morta por dentro. Saí pela casa, pensando se valia a pena fugir. Nada tinha naquele lugar. De alguma forma, uma novidade trazia esperança e pousava no meu pensamento como um novo sentimento que eu poderia abraçar.

Depois que me despedi de Cássia, ela ficou sentada no pequeno degrau de sua casa, olhando para o nada ou tentando entender por que eu tinha que partir.

– Amiga, você é como uma irmã para mim. Como eu vou viver sem você aqui? Por que isso agora, assim?

– Eu não mando na minha vida desde que a minha mãe morreu. Meu pai diz tudo ao contrário do que ela dizia. Não tenho poderes, obedeço e ele se acalma. Quem sabe minha tia não me trata melhor do que ele?

– Promete um dia voltar?

– Tenho certeza que vamos nos ver de novo, Cássia. Mas, enquanto isso, será de doer. Pensa em mim todos os dias, estarei pensando em você, amiga.

Olhei ao redor. De repente, a pequena Ladário ficou estranhamente menor, e eu senti que não fazia mais parte do lugar em que morei a vida inteira. Minha mãe Mimizinha não estava mais ali, eu tinha me tornado uma garota perdida. Mas, quem sabe, aonde minha tia me levaria morassem as respostas? Algo me dizia que, apesar de ser rude na fala, seria boa para mim. Gostar de mim não parecia tão difícil.

Cássia, desconfiada, lembrou dos poucos encontros com a minha tia e como ela nunca sorriu ou pareceu se emocionar comigo e meu irmão.

– Tem algo errado nessa sua viagem, mas vai com Deus. Mesmo se for algo ruim, Ele transformará em bom.

Cássia levantou, se encostou na porta, vi uma lágrima cair no seu rosto, e depois entrou sem olhar para trás. Imaginei que talvez fosse melhor compreender que nunca mais encontraria minha amiga mais próxima.



Voltei para casa e minha pequena estranha família me esperava.

– Já demorou demais, Belinda. Vai logo com a sua tia. Não precisa se despedir do irmão. Depois falo com ele.

– Mas...

– Mas, mas, mas, ninguém aqui fala mais mas do que essa garota. Vai logo, Belinda.

Fui na direção do meu pai com o olhar de quem quer um abraço e ele me indicou a porta com os dedos. Desamor. Ali tive certeza que só minha mãe tinha me amado.

Minha tia perguntou em voz baixa se eu agia sempre lerda daquele jeito. Meu pai confessou ser pior na maioria dos dias. Me sentia observada e avaliada como um bicho. Coloquei uma calça velha, sandália e, sem olhar para trás, entrei em um táxi que veio nos buscar no horário marcado. Pela primeira vez, eu andava com motorista.

Virando a esquina, do carro, vi meu irmão Nirvano voltando para casa. Pedi que parasse, mas minha tia não permitiu e mandou seguir com a voz severa. Meu irmão caminhava de cabeça baixa, o olhar desanimado de sempre e a eterna enxada como companheira. Acenei com a mão para que, de alguma forma, ele recebesse o meu adeus.

Tia Santana pediu meus documentos, eu tinha apenas minha certidão de nascimento. Meus olhos arregalados se surpreenderam com o aeroporto de Corumbá, na cidade vizinha, praticamente desconhecido para mim. Eu tinha ido lá apenas uma vez, bate e volta, fiquei esperando na porta enquanto meu irmão buscava uma encomenda que minha tia mandara.

Fiquei assustada quando o avião decolou. Minha paz ficara na cadeira do aeroporto naquela espera de mais de duas horas antes do embarque. Estava incrédula de ter sido levada sem mais nem menos, sem preparação e explicações. O que faria no Rio de Janeiro? Não que fizesse muita diferença. Eu andava com a minha vida parada, irritando meu pai, e comecei a ver uma chance de mudar tudo com a ida para uma cidade grande. Meu irmão, quieto, na dele, não reclamava do destino, trabalhava como pedreiro e estava mesmo interessado em gastar o tempo com a namorada Laura, uma moça que mais parecia um bichinho do mato.

Imaginei que sentiria alguma saudade do meu irmão. Não sentiria a ausência do meu pai.



Não me pergunte sobre aquele voo. Quando o avião subiu, um frio veio junto e senti um mal-estar imediato. Minha tia me avisou, entre os dentes, para não dar vexame, porque ela me jogaria da janela. Fiquei olhando as casas e lojas de Ladário e Corumbá, pensei na possibilidade de nunca mais ver aquelas terras.

Minha tia permaneceu calada durante o resto do voo. Dormiu e até roncou como se estivesse na própria cama, nas mais de cinco horas em que ficamos dentro do avião. Fizemos duas paradas, uma em Campo Grande e outra em São Paulo. Fiquei impressionada com os enormes prédios espalhados por aquele formigueiro. Jamais imaginei que pudesse ser assim, com tantas casas, ruas e pessoas. Que mundo enorme existia além daquele pequeno que deixei para trás.

O Rio de Janeiro chegou com um cheiro diferente. Não sei explicar. Uma emoção tomou conta do meu corpo e minhas pernas tremeram assim que pisei na cidade.

Santana parecia ter piorado sua maneira de me tratar. Mesmo nada tendo questionado, apenas seguido seus passos, seus olhares severos na minha direção não me passavam segurança alguma e mostravam um enorme desprezo. Sentindo seu modo de agir comigo, entendi as palavras do meu pai: “Ela está vendida. Vendi e pronto. Ela chegando, você leva.” Eu tinha sido vendida como um produto e me sentia uma ninguém sem dias no amanhã, sendo carregada para viver outro futuro que não o meu. E antes que conseguisse qualquer informação sobre a minha venda ilegal, a pior tia do mundo disse:

– E, por favor, não fica exibindo muito esses seus olhos azuis, eles me incomodam.

Eu não reconhecia mais minha própria vida, não tinha a menor ideia sobre o que seria de mim. Parecia amarrada, mesmo com as mãos livres. Presa por alguém sangue do meu sangue, que eu quase não tinha visto na vida e que virou minha dona sem mais nem menos. Eu queria ir embora dali, mas, ao contrário disso, fui levada a mergulhar em dias irreconhecíveis. Um furacão de reviravoltas.

E antes que pudesse pensar em escapar daquela situação, lembrei de uma vez estar caminhando pela vila militar de Ladário e escutar dois filhos de oficiais cariocas avaliarem minha cidade como o fim do mundo. Chegar ao Rio de Janeiro, estar naquela situação, me mudar para aquela cidade enorme, seria sim o fim. O fim do meu mundo.